

FARMACOEPIDEMIOLOGIA: UMA CIÊNCIA APLICADA

Farm. Wilson Follador (USP)

Durante o século XX, particularmente nos últimos 50 anos, ocorreu um rápido progresso de farmacologia, incrementando quantitativa e qualitativamente o arsenal de medicamentos à disposição dos profissionais de saúde. Como ferramentas essenciais da terapêutica, os medicamentos difundiram-se por todos os povos e em todas as formas da medicina. São muitos e diversos os fármacos e as especialidades farmacêuticas à disposição, e a utilização dos mesmos envolve bilhões de pessoas em todo o mundo.

O desenvolvimento de um novo fármaco envolve ensaios pré-clínicos e clínicos que demandam anos de pesquisa, milhões de dólares. Porém, ainda que a pesquisa seja exaustivamente conduzida, a verdadeira existência do medicamento só se inicia quando este é colocado à disposição de Médicos, Farmacêuticos e, principalmente, pacientes. À partir deste momento, o fármaco deixa de estar sob as condições controladas dos laboratórios e é posto em condições reais de consumo, sujeitas a erros de informação, interações com outras substâncias, e muitos outros fatores que podem erguer novos fatos que serão potencialmente capazes de alterar o juízo global a respeito de suas propriedades.

Desta maneira, tornou-se uma parcela importante da ciência farmacológica conhecer sobre uma determinada droga: (1) quem a usa, (2) como a usa; (3) quais as razões para usá-la, e (4) quais as conseqüências originadas por esta utilização.

As respostas para tais indagações permitem adequar as informações que temos sobre um determinado fármaco à realidade.

Em associação com a realidade obtida pelos dados isolados, o conjunto das informações obtidas pelas respos-

tas às questões acima permite inferir, planejar e controlar todos os assuntos relacionados a fármacos e especialidades farmacêuticas, e suas relações com a saúde pública.

Tal contexto é a essência material da Farmacoepidemiologia, ciência que, na forma como foi definida, tem início marcado na década de 70. A Organização Mundial de Saúde e outros países assumiram a Farmacoepidemiologia com o nome "Estudos de Utilização de Medicamentos - EUM", definindo-a como a ciência que estuda o marketing, a distribuição, a prescrição e o uso de drogas em uma sociedade, com especial ênfase nas conseqüências médicas, sociais e econômicas decorrentes (WHO Technical Report Series 615, 1977).

Os pontos determinantes que centralizam esses estudos são a seleção e a informação sobre medicamentos. Através da seleção, realizada de acordo com uma metodologia que avalie primeiramente a eficácia e em seguida a relação benefício/risco e custo do medicamento, promove-se num primeiro passo para a definição de uma política de uso racional do medicamento.

Através da informação, complementa-se essa política oferecendo ao prescritor e dispensador subsídios para discernir com segurança a respeito das fontes de informação que deve usar sua atividade profissional. Vários estudos têm comprovado que as fontes de informação oriundas da indústria farmacêutica são geralmente omissas ou mesmo tendenciosas. O Dicionário de Especialidades Farmacêuticas e as bulas que acompanham o medicamento são falhas, muitas vezes não dão a segurança necessária a quem os utiliza. Os representantes de laboratórios fornecem, às vezes, mensagens distorcidas, da verdadeira imagem do medicamento.

Por outro lado, as fontes profissionais e as científicas, estas consideradas de referência, são pouco acessíveis aos profissionais.

Outras atividades também importantes em EUM são a farmacovigilância e a política de assistência farmacêutica.

FARMACOVIGILÂNCIA - é a face mais conhecida da Farmacoepidemiologia. Busca informações mais precisas sobre as características terapêuticas ou toxicológicas de um determinado medicamento em todas as condições nas quais é utilizado (diferentes faixas etárias, condições sanitárias, associações, etc.). Mais comumente a Farmacovigilância tende a detectar efeitos raros, geralmente adversos, causados por um fármaco, como por exemplo, a existência de uma relação entre o uso do cloranfenicol e a aplasia medular (1 caso para cada 25.000 usuários). Por outro lado, é possível também detectar novos usos para um fármaco ou, mais raramente, a ausência de um determinado efeito anteriormente determinado.

POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA - realiza estudos e auditorias sobre as relações entre os medicamentos e a política de saúde englobando: (I) modelos de disponibilidade; (II) programas de medicamentos essenciais; (III) distribuição de produtos em níveis regionais e nacionais; (IV) vigilância sanitária, custos da terapia medicamentosa, mercados farmacêuticos, etc.

A Farmacoepidemiologia assume, pois, contornos próprios, e ainda apresenta grande importância como uma ciência de interligação, fornecendo subsídios para o juízo crítico dos pesquisadores, profissionais de saúde, fabricantes e agentes normativos, permitindo que possam: (I) conhecer melhor os medicamentos; (II) determinar o que fazer para torná-los mais eficientes e menos tóxicos; (III) coibir os abusos e os erros de utilização, e, finalmente, (IV) facilitar o acesso das melhores terapias medicamentosas ao paciente, quando e como ele precisar.